

**Resenha dos livros:**

ABRAMOVAY M. M. Outros. **O Perfil dos Professores Brasileiros: O que fazem, o que pensam, o que almejam...** São Paulo: Moderna, 2004

FANFANI T.E. **La Condición Docente Análisis comparado de La Argentina, Brasil, Peru y Uruguay.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005

*Resenha por Tânia Mara Tavares da Silva*

*UNISAL- Centro Universitário Salesiano de São Paulo*

**Práxis Educativa e Condição Docente**

A formação dos professores ocupa um lugar central na produção de ensaios e pesquisas da área da educação. A descrição a partir de variáveis econômicas, sociais, culturais, educacionais e atitudinais dos docentes são centrais para a especificidade das propostas de formação. A pesquisa feita pela UNESCO na América Latina e cujo objetivo foi o de construir o perfil do professor deverá se tornar de leitura obrigatória para os interessados na formação docente. Os dados foram levantados nos seguintes países: Argentina, Brasil, Peru e Uruguai. No caso brasileiro, a publicação, contemplando os dados e analisando os resultados de pesquisa, foi publicada em Abramovay e outros (2004). Uma outra publicação, editada na Argentina, analisa de forma comparativa os resultados da pesquisa nos quatro países (Fanfani, 2005). Estes dados possibilitam compor um quadro do perfil docente dos quatro países a partir dos quais há mais semelhanças do que diferenças entre seus professores. É preciso acrescentar que, no caso da análise de Fanfani, há uma distinção importante que não aparece na publicação brasileira, que é a de separar nos dados a posição dos “maestros” (seriam os docentes de 1ª a 6ª série) e os “professores” (docentes das séries seguintes e ensino médio). Fanfani compara os docentes do primário com os do secundário e, tudo indica, reagrupou os docentes brasileiros nessas duas categorias.

Dados quantitativos retirados de pesquisas nos fornecem um retrato não da realidade, mas, daquilo que os respondentes consideram ser sua realidade. Ou seja: ao tomar estes dados, sabemos que geralmente os pesquisados levam em conta para quem respondem, atribuem efeitos a suas respostas e se desempenham em função, então, das imagens que constroem. As respostas, então, são representações situadas na pragmática da interação. Contudo, as condutas não invalidam a pesquisa feita, desde que tenhamos claro que não estaremos frente a um retrato fiel da realidade, porém, diante de representações, particularmente no que se refere às questões sobre os valores professados. Como coloca Fanfani, dados quantitativos, derivados da pesquisa mediante questionários, devem ser vistos como subsídios importantes, embora relativos, que auxiliam o pesquisador interessado na temática da docência.

No caso da pesquisa elaborada pela UNESCO, houve uma preocupação em organizar as perguntas tendo em vista o contexto histórico-social de cada país. Assim, quando as tabelas são apresentadas, e aqui nos referimos à análise comparativa feita por Fanfani, temos a informação de como a pergunta foi dirigida e também quais foram excluídas. Fanfani, em sua introdução, chama a atenção para o fato de termos, no que se refere aos quatro países, a possibilidade de agrupá-los em duplas pelas suas singularidades. A pesquisa demonstrou que, enquanto no caso da Argentina e do Uruguai, encontramos características comuns, dado que os dois países compartilham muitos traços, tanto no que

se refere à sua história e economia quanto à organização de seus sistemas educacionais, o mesmo não ocorre com o Brasil e Peru, que guardam singularidades tanto quando comparados entre si quanto com a dupla de países citados.

Os dados apontam para uma homogeneidade para os quatro países no que se refere ao recorte de gênero e idade, talvez pela incidência de padrões demográficos que se aproximaram nos últimos 20 anos. A docência permanece sendo uma profissão hegemonicamente feminina, pois, em todos os países, a relação percentual vai do menor percentual de presença masculina, 13,6 % na Argentina, e o maior percentual, 32,7%, no Peru. No caso brasileiro, encontramos 20,7 % de docentes masculinos. Os homens docentes concentram-se, em todos os países, no ensino secundário, sendo poucos os que trabalham no nível primário. A maior participação, neste nível, é de 25,6 % encontrada no Peru e, a menor, 4,2%, no Uruguai. Quanto à comparação entre idade e gênero, há uma distribuição percentual homogênea em todas as faixas e nas médias de idade por gênero. Não encontramos diferenciais significativos, sob o ponto de vista estatístico, entre os países. Destaquemos que os dados reforçam que na história da docência os sistemas educativos modernos foram, e ainda o são, locais disponíveis e atraentes para o trabalho feminino.

Importa destacar que os professores de todos os países apontam como um dos maiores problemas que incidem na aprendizagem a falta de apoio ou acompanhamento da família dos educandos. Um outro dado que a pesquisa levanta, é o lugar que o docente ocupa na escala social. Segundo Fanfani, as mudanças econômicas e sociais ocorridas nas últimas décadas também afetaram os docentes que vivem uma experiência de decadência social, particularmente mais acentuada em países como Argentina e Uruguai, cujo processo de modernização e urbanização foi anterior aos outros países, com a conseqüente expansão das camadas médias, da qual os docentes formavam parte. No entanto, chama a atenção o autor, o que os dados parecem indicar é a extrema heterogeneidade que conforma esta categoria, sob o ponto de vista da renda familiar, em todos os países.

Do ponto de vista subjetivo, os docentes que formam parte da quinta parte mais rica da população se definem como “pobres”. Assim, a auto classificação estaria sendo utilizada para “fazer coisas”, conseguir identidades --de trabalhador, por exemplo--, ou reivindicar melhoras. Isto não implica que os docentes ganhem bem ou satisfatoriamente. Abre, porém, uma importante questão: como colocar na mesma categoria os que estão entre os 20% mais ricos com os que estão dentro dos 20% mais pobres? Ambos os grupos contarão com os mesmos recursos simbólicos e materiais para serem professores? Como as diversas propostas de formação deveriam levar em conta a diferença nas condições dos docentes?

Na pesquisa de Abramovay e outros (2004), encontramos um dado diferenciador, isto é, os resultados foram organizados tomando-se como base de diferença professores que trabalham em capitais e municípios do interior. No entanto, este dado, embora refine a análise, traz como resultado algo próximo do que foi levantado por Fanfani. Porém, o que chama a atenção, é que na análise da autora há pontos que nos parecem controversos.

De acordo com os dados da pesquisa brasileira, a maioria dos professores se considera como pertencente à classe baixa, mas, “mesmo com renda muito baixa”, a maioria não se identifica com o estrato social mais pobre. Evidência de necessidade de preservação da auto-estima e valorização, segundo Abramavay. Há a possibilidade de uma interpretação alternativa que destacaria que os docentes, diante das questões da pesquisa, não esquecem que devem reivindicar melhor salário. Então, será que preservam ou reivindicam?

É importante também acrescentar duas informações sobre a pesquisa brasileira. Os professores identificados com a classe mais baixa se encontram em municípios com até 20 mil habitantes e os que se identificam como pertencentes à classe média estão, em sua maioria, nas capitais e em cidades com mais de 500 mil habitantes. A pesquisa foi feita com professores que vivem majoritariamente em municípios com mais de 100 mil habitantes.

Quanto ao futuro econômico esperado pelos docentes nos próximos cinco anos, são os docentes brasileiros que se declaram mais otimistas (41,4% consideram que o futuro será melhor), seguidos pelos docentes do Uruguai (22,6%) e, os mais pessimistas são os argentinos, pois apenas 13% consideram que estarão melhores economicamente nos próximos cinco anos.

A análise de Fanfani tende a destacar que, como os professores brasileiros apresentam uma tendência de ascendência em relação aos seus pais veriam o futuro com otimismo, enquanto os argentinos apresentariam o quadro inverso. Diferença particularmente notável que salienta a heterogeneidade entre os países e, sobretudo, o otimismo maior entre os docentes brasileiros que, não podemos esquecer, pode ser produto de conjunturas diferentes e que podem variar com bastante rapidez.

A literatura educacional voltada para a formação de professores apresenta, como tendência, a não distinção entre os níveis de ensino, supondo que as novas propostas deveriam ser absorvidas por todos os docentes. No entanto, o prestígio, o *status* e o salário dos docentes não são, sequer, equivalentes entre os níveis nem entre o público e o privado.

Acreditamos que não reconhecer as diferenças e construir propostas de intervenção igualitárias seria pouco eficaz para transformar a educação brasileira. Os dados apontam que apenas 32% dos professores brasileiros (cf. Fanfani, 2005: pp. 147), consideram que a qualificação docente incide na melhoria da aprendizagem. Só poderíamos defender e propor alternativas viáveis para a melhora da educação através de mudanças na intervenção docente se a heterogeneidade e a própria tradição forem postas como condições das propostas.

As condições e tendências atuais parecem favorecer a reflexão, a criatividade, respostas alternativas, o diagnóstico a partir das experiências e o empreendedorismo, dentre outros aspectos que se situam como globais e, ao mesmo tempo, produto e condição das formas de vida do mundo globalizado. Parece, então, que estamos diante da universalização de exigências e de respostas. Em contrapartida, parece existir também uma forte tendência para pluralizar as formas de ensinar, diante da heterogeneidade docente e discente, substituindo a tendência para a sucessão de modelos únicos. Estamos diante do jogo entre o dito universal e o particular. A resposta criativa exigiria realizar pesquisas empíricas na escola, não para propor algo novo, mas tomar ciência da escola que temos e desenvolver propostas a partir dela e não para ela.